



Simbologia do conto de tradição oral: A história do Surrão

*Symbology of the tale of oral tradition: The
story of the Surrón*

Cíntia Maria Cerqueira

Universidade Estadual de Feira de Santana

Flávia Aninger de Barros

Universidade Estadual de Feira de Santana

Maria Cláudia Silva do Carmo

Universidade Estadual de Feira de Santana

Resumo: Neste artigo, temos como objetivo reflexionar sobre conto de tradição, memória e oralidade e suas contribuições no processo da educação por meio do encantamento e da simbologia, fornecendo subsídios para a subjetividade humana. Neste texto intencionamos apresentar a simbologia do conto de tradição oral, “A menina do Surrão”, na versão de José Mauro Brant, recolhido e publicado, pela primeira vez, no ano de 2000. O estudo do referido conto atravessa o tempo e diferentes épocas, ficcionalizando um fato que infere impressões decorrente da vida real. Tais reflexões surgem a partir de um processo experiencial e formativo, vivenciado por nós, contadoras de histórias e professoras, vinculadas ao Programa de Extensão Observatório de Contação de Histórias em Espaços Etnoformativos, o qual integra os Grupos de Estudos e Pesquisas em Poéticas Oraís-**GEPPPO** e em Currículo e Formação do Ser em Aprendizagens- **FORMARSER**, da Universidade Estadual de Feira de Santana-UEFS, Bahia. O texto tem como base teórica os estudos de Matos (2005, 2009), Busatto (2003, 2006), Souza (2018), Benjamim (1994), Arapiraca (2008), entre outros, os quais compreendem que a arte de contar histórias, além de guardar a essência de um povo, também se constitui como uma potência de possibilidades, de atitudes frente à vida e ao mundo. De boca em boca, “Mariazinha, a menina dos brincos de ouro” foi percorrendo muitos lugares em um tempo incontável. Desse modo, o simbólico dá sentido ao que fazemos ou ao que gostaríamos de fazer. O conto “A menina do surrão” (2000), além de embebido por símbolos e saberes – expressos em uma linguagem curta e precisa –, toca-nos e nos afeta e, sobretudo, possibilita-nos entrar em contato com a sabedoria ancestral.

Palavras-chave: Conto de Tradição Oral; Simbologia; Narração de histórias; Oralidade; Memória.

Abstract: In this article, we aim to reflect on tales of tradition, memory and orality and their contributions to the education process through enchantment and symbology, providing subsidies for human subjectivity. In this text, we intend to present the symbology of the tale of oral tradition, “A Menina do Surrão”, in the version by José Mauro Brant, collected and published, for the first time, in the year 2000. The study of the referred tale crosses time and different eras, fictionalizing a fact that infers impressions arising from real life. Such reflections arise from an experiential and formative process, experienced by us, storytellers and teachers, linked to the Extension Program Observatório de Contação de Histórias em Espaços Etnoformativos, which integrates the Groups of Studies and Research in Oral Poetics - GEPPPO and in Curriculum and Formation of Being in Learning - FORMARSER, from the State University of Feira de Santana - UEFS, Bahia. The text is theoretically based on studies by Matos (2005, 2009), Busatto (2003, 2006), Souza (2018), Benjamim (1994), Arapiraca (2008), among others, who understand that the art of storytelling, in addition to keeping the essence of a people, is also constituted as a power of possibilities, of attitudes towards life and the world. By word of mouth, “Mariazinha, the girl with the golden earrings” traveled many places in countless time. In this way, the symbolic gives meaning to what we do or what we would like to do. The short story “A Menina do Surrão” (2000), in addition to being soaked in symbols and knowledge – expressed in a short and precise language – touches and affects us and, above all, enables us to get in touch with ancestral wisdom.

Key-words: Tale of Oral Tradition; Symbology; Storytelling; Orality; Memory.

*Recebido em 31 de outubro de 2022
Aprovado em 12 de fevereiro de 2020*

CERQUEIRA, Cíntia Maria. BARROS, Flávia Aninger. CARMO, Maria Cláudia Silva do. Simbologia do conto de tradição oral: A história do Surrão. *Légua & Meia*, Brasil, v. 14, n. 2, p. 68-84, 2022.

Introdução

Neste texto temos como objetivo refletir sobre a simbologia do conto de tradição oral “A história do Surrão: conto popular”, narrado por José Mauro Brant (2000), no contexto do espetáculo “Contos, Cantos e Acalantos”, o qual, segundo José Mauro Brant (2000, s/p), emergiu de um questionamento, a saber: “o que se esconde por trás dos contos e canções do folclore brasileiro?” Nesse sentido, qual a simbologia da História do Surrão: conto popular? Qual a relação que o conto popular estabelece com a cultura popular de um povo? Como se articula com o imaginário de um coletivo?

Desse modo, os contos de tradição oral, também são conhecidos como contos populares, contos maravilhosos, mitos, fábulas, histórias de animais, contos acumulativos, contos de mentira. Integram essa categoria também os contos etiológicos, os contos de Demônio logrado, os contos de natureza denunciante, as anedotas, as lendas, os contos de encantamentos, pois são todos próprios da cultura oral. (MATOS E SORSY, 2009).

Nesse sentido, a simbologia presente nos contos proporciona-nos momentos de cinestesia conosco mesmos, buscando, muitas vezes, respostas para nossa existência, outras fazendo ilações com o cotidiano. A busca de sugestões em forma simbólica, por meio do conto, também pode vir a ser algo positivo em se tratando de saber lidar com questões delicadas ou de difícil aceitação. O carácter simbólico dos contos, isto é, a comunicação simbólica que transmitem, confere-lhes o poder de se revestirem das mais variadas interpretações, de satisfazerem as mais diversas aspirações, os mais variados sonhos e desejos e, até, de darem resposta a medos e anseios.

Pela identificação com as personagens, com as situações, com as atitudes tomadas pelos “heróis” dos contos, podemos viver uma realidade simbólica que funciona como uma representação mental da nossa estrutura interior, projetando-nos e nos apoiando para dar forma ao que é narrado e realizar o irrealizável.

O ato narrativo é a ponte comunicativa entre quem diz e quem escuta, em um imenso desejo de alcançar o outro por meio da linguagem. Dessa relação surge um engajamento afetivo, provocado pelas histórias, oferecendo novas significações à percepção do mundo. As narrativas possibilitam-nos experienciar as memórias de outros e colaboram para desmistificar significados do mundo que, até então, não sabíamos explicar. Portanto, os contos promovem encontros, mas, também, em sua complexidade, podem ser contraditórios e questionadores.

Muitos contos foram-nos contados na infância, nos quais os animais falam, agem como seres humanos, representam personagens-heróis. Contos que nos permitem desfrutar de fantasias em aventuras com frustrações, vinganças e o clássico “felizes para sempre”, sem qualquer culpa ou medo. Esses contos vêm acompanhando muitas gerações, tanto no plano da oralidade quanto no da escrita. Assim, percebemos o quanto os contos acompanham a humanidade e tornam o mundo mais compreensível, transformando sua materialidade em palavras, resultando na construção e desconstrução de ideias e valores, uma vez que somos afetados pelo que lemos, tanto emocional quanto intelectualmente, como ratifica Vicent Jouve (2003, p. 19), ao mencionar que

[...] o charme da leitura provém em grande parte das emoções que ela suscita. Se a recepção do texto recorre às capacidades reflexivas do leitor, influi igualmente – talvez, sobretudo – sobre sua afetividade. As emoções estão de fato na base do princípio de identificação, motor essencial da leitura de ficção.

Observamos que os contos expressam diversos aspectos da vida e integram experiências concretas, culturas, espiritualidade, simbologias, saberes. O conto, com seu poder curador, borda e tece sonhos que consola os corações dos aflitos, oferecendo espaços para o ouvinte envolver-se e recriar seu mundo destituído por meio de silêncios, ações, gestos e expressões. Dessa maneira, nas histórias, tudo está integrado: o material, a ciência, a arte, o conhecimento, o divertimento.

Desse modo, os contos de tradição oral circulam milenarmente pelo mundo com encantamentos em forma de narrativas, indicando um tempo, um ensinamento, um jeito de caminhar, um divertimento, uma identidade vital. Como também “esta influência é ressentida através de uma ausência, de uma dor, da experiência da devastação.” (PATRINI, 2005, p. 129). E até mesmo uma luta pelo desigual, sustentando os saberes populares.

Neste artigo, trazemos discussões de forma intertextual, sob o apoio teórico de Samoyault sobre a tradição, memória e imaginário através do conto. “O canto do surrão”, na versão de José Mauro Brant (2000), é o conto de referência para esta análise que está permeada pelo suporte teórico da análise crítica por meio dos pressupostos de Benjamin (1994), Jouve (2003), Matos (2005), Bettelheim (2005), Bussato (2006), Hampatè-Bâ (2010) e Souza (2018).

Contos de tradição oral e a arte de contar histórias: alimento para o imaginário

O conto, como alimento do imaginário, pode levar-nos a experimentar um tempo fora do tempo, correr riscos que não seriam possíveis na materialidade, experimentar perdas e ganhos, vislumbrar belezas e toda sorte de sensações que a vida pode oferecer e que constituem as experiências humanas. Diante desse universo imaginativo, valores, paisagens, princesas e príncipes, nomes falam de nós mesmos, do nosso cotidiano, daquilo que nos é intocável e sem resposta, possibilitando a representação simbólica do mundo.

A relação intrínseca entre contos de tradição oral e a arte de contar histórias, como alimento para o imaginário, reveste-se de sentido ao considerarmos afirmações como a de Busatto (2006, p. 49), ao assegurar que “a narração oral, enquanto evento poético que se liga ao imaginário, por conter na sua estrutura literária imagens simbólicas que funcionam como “hormônios da imaginação”, assim como meio de acesso ao sagrado [...]”.

Desse modo, compreendemos que tanto os contos de tradição oral quanto a arte de narrar são fundantes para o desenvolvimento do imaginário posto que “o imaginário passou a ser entendido como um espaço de elaboração e transmutação de pensamentos, sentimentos, percepções, uma espécie de incubadeira para as criações humanas.” (BUSATTO, 2006, p. 50).

Observamos que, desde muito cedo, a criança viaja em seu mundo imaginário. Ela traça um percurso de relação intrínseca com os contos de tradição oral. A tia conta uma história que escutou da mãe, a avó conta uma história que escutou da tia, o pai conta um conto que escutou de alguém e, assim, ela vai, desde muito cedo, construindo seu repertório cultural e alimentando seu imaginário. Desse modo,

[...] a criança e o adulto, o rico e o pobre, o sábio e o ignorante, todos, enfim, ouvem com prazer as histórias – uma vez que essas histórias sejam interessantes, tenham vida e possam cativar a atenção. A história narrada, lida, filmada ou dramatizada circula em todos os meridianos, vive em todos

os climas, não existe povo algum que não se orgulhe de suas histórias, de suas lendas e seus contos característicos. (TAHAN, 1996, p. 16).

Nesse sentido, a arte de contar histórias, assim como a de ouvi-las, constitui-se em uma arte milenar que contempla todos e todas, tanto idosos, adultos, jovens quanto crianças aguçadas e curiosas, olhos arregalados e ouvidos atentos diante de tal estímulo, essencial para a formação de qualquer indivíduo.

O conto de tradição oral, como afirma Busatto (2013, p.17), “seja ele contos de fadas, mitos, lendas, fábula ou conto de ensinamentos, encanta por alimentar o nosso imaginário e dar mais brilho ao nosso mundo interior.”

Desse modo, a narração de um conto é um manancial de puro prazer e exercício imaginativo, cujos benefícios serão sentidos sob a forma de uma sociedade mais justa e efetivamente humana, cujos valores, essenciais à sua estruturação e ao seu desenvolvimento, mantêm-se fortes e inabaláveis.

Ademais, o conto popular de tradição oral é originário da cultura popular, ao passo que

[...] enraizado na oralidade, o conto popular tem em sua base de comunicação e percepção auditiva da mensagem [...] resultam da produção coletiva de um povo que os cria a partir das representações do seu imaginário coletivo e, ao mesmo tempo, encontra neles o alimento para nutrir esse mesmo imaginário. (MATOS, 2009, p. 02).

Desse modo, observamos que o pedido de uma criança para que lhe conte contos representa uma solicitação plena de anseios por uma realização imaginativa que lhe permitirá sair do seu eu real para penetrar em um mundo no qual tudo é possível, em um mundo no qual o seu eu imaginativo necessita de liberdade criativa, e que se revele capaz de a conduzir às realidades inacessíveis no seu mundo real.

Desse modo, da confrontação entre o eu real e o eu imaginativo surge a capacidade de lidar e de ultrapassar os problemas com que a criança vai deparar-se no seu processo evolutivo enquanto ser humano. Uma criança a quem é vedado o direito de exteriorizar as suas manifestações imaginativas, a sua liberdade criativa, e a quem é vedado o acesso a imagens propiciadoras de tais situações acabará por desenvolver receios e defesas contra este mundo exterior a ela e, inclusive, consciente ou inconscientemente, recusar-se a fazê-lo de novo.

Para podermos compreender melhor o alcance que os contos têm junto às crianças e, também, aos jovens, aos adultos e aos idosos como consequência, o quanto são negativamente afetadas pela falta deles, temos de, em primeiro lugar, saber que a criança tem um poder imaginativo, inato, sem limites. Ela cria e recria as realidades, vividas ou imaginadas, fazendo apelo a uma enorme capacidade de ultrapassar limites e barreiras, intransponíveis, característica desprovida dos adultos. Ela consegue imaginar para lá do imaginável, mas esta capacidade inata de poder imaginativo não perdura no tempo se não for alimentada e estimulada. Ela precisa de ser confrontada com imagens, com sons, com símbolos, com contos a

[...] pensar o imaginário como um vasto campo de possibilidades, que proporciona, entre tantas coisas, a compreensão e aceitação de diferentes níveis de percepção da realidade, abrindo-se para um sistema participativo, plural, sensível e passível de outras lógicas. A partir dele e das suas manifestações é possível retornar à matéria humana, e ressensibilizar o mundo e o humano. E

isso pode ocorrer pelo aconchego oferecido pelas histórias; pelo embalo do acalanto; pelo espírito de amorosidade que flui numa narrativa oral realizada no prazer. Por outro lado, contar histórias pode ser fermento para o imaginário. Elas nascem no coração e, poeticamente circulando, se espalham por todos os sentidos, devaneando, gatiando, até chegar ao imaginário [...]. (BUSATTO, 2006, p. 58).

Todo estímulo recebido na infância reverbera em seu crescimento e na sua formação adulta. Daí a importância do desenvolvimento da linguagem e a construção do imaginário na criança por meio dos contos, bem como da importância que esse mesmo imaginário tem na formação de valores essenciais à estruturação e ao desenvolvimento de uma sociedade. Então, os contos, em especial os de tradição oral, aqueles que resistem ao tempo e as diferentes épocas, proporcionam pressupostos fundamentais para o exercício simbólico do mundo imaginativo de qualquer indivíduo.

Bruno Bettelheim (2005), autor que se destacou no estudo dos contos de fadas sob o ponto de vista da sua importância no desenvolvimento psicológico da criança, em seu livro *A psicanálise dos contos de fadas* (2005), faz-nos refletir sobre o que se tenta transmitir à criança através dos contos de fadas e, aqui, estendemos isso a outros contos também: de que o mal não é inerente ou não existe na natureza humana, de que todos os homens são bons. Nas palavras do autor,

[...] há uma recusa generalizada em deixar as crianças saberem que a fonte de muito do que vai mal no mundo é devido às nossas próprias naturezas – a propensão que todo o homem tem para agir agressivamente, associalmente, egoicamente, por raiva ou angústia. Em vez disso, queremos que os nossos filhos acreditem que todos os homens são bons por natureza. Mas os miúdos sabem que eles não são sempre bons; e muitas vezes, mesmo quando o são, prefeririam não o ser. Isto vem contradizer o que os pais lhes dizem, o que faz com que a criança se veja a si própria como um monstro. (BETTELHEIM, 2005, p. 15).

O papel dos contos vai, neste contexto, ser fundamental, preparando a criança para uma realidade que é, afinal, a dela, mostrando-lhe que não há problemas sem solução, que todos os conflitos que ela, inevitavelmente, irá sentir têm uma forma de ser ultrapassados e vencidos. “É esta precisamente a mensagem que os contos de fadas e todos os outros contos trazem à criança, por múltiplas formas: que a luta contra graves dificuldades na vida é inevitável, faz parte intrínseca da existência humana – mas que, se o homem se não furtar a ela, e com coragem e determinação enfrentar dificuldades, muitas vezes inesperadas e injustas, acabará por dominar todos os obstáculos e sair vitorioso” (BETTELHEIM, 2005, p. 15 – grifos nossos).

Oralidade

É importante lembrar-nos de que toda escrita inicia-se com a transmissão oral entre os povos. Tudo começa com a oralidade. Para Matos (1996, p. 9), “as chamadas sociedades tradicionais estabeleciam com o tempo uma relação cíclica, que era o tempo da natureza, no qual estavam imersos.” Nesse tipo de sociedade, o conhecimento difundia-se, eminentemente, de forma oral entre as famílias, como uma forma de ensinamento dos mais velhos para os mais novos. Com o surgimento da escrita e da tecnologia, o conhecimento dos mais velhos parece estar se tornando obsoleto. Antes o conhecimento transmitido de forma oral era guardado na memória, com preocupação de

não se perder, pois sua perda prejudicaria toda a comunidade. Já na sociedade moderna parece não existir esse medo, mas o desejo de sempre experimentar algo novo. Porém, a tecnologia é falha e a máquina eletrônica não é totalmente confiável, arquivos impressos podem, simplesmente, desaparecer. Diante de tal feito, o que irá valer será a memória orgânica, aquilo que se guardou como tesouro, o que se deseja, de fato, que seja lembrado como

[...] uma recordação que surge ao espírito sob a forma de uma imagem que, espontaneamente, se dá como signo de qualquer coisa diferente, realmente ausente, mas que consideramos como tendo existido no passado. Encontram-se reunidos três traços de forma paradoxal: a presença, a ausência, a anterioridade. Para o dizer de outra forma, a imagem-recordação está presente no espírito como alguma coisa que já não está lá, mas esteve. (RICOEUR, 2003, p. 2).

A reminiscência, presente na imagem como signo da sua ausência, trata-se de uma ausência que, não estando mais, é tida como tendo estado. Esse “tendo estado” é o que a memória se esforça para reencontrar. Ela reivindica a sua fidelidade a esse “tendo estado”. Ao perceber as coisas que passam como signos pela mente, recordamos, ao passo que as imagens vão se associando à palavra que vai ser lembrada por meio das quais se pode recordar de algo.

O conto da tradição oral é fonte de sabedoria e ensinamento, pois através das palavras pode-se encantar, ensinar e transmitir conhecimento e sabedoria, numa relação da realidade com a imaginação, ofício vicejado pelos contadores de histórias. Dialogando com Benjamin (1994), compreendemos que as narrativas da tradição oral não transmitem apenas informações, elas são atemporais, não envelhecem, tem força e pujança para percorrer as regiões de todo o mundo onde gente haja, mostrando caminhos e aguçando olhares.

Paralelo ao crescimento da modernidade e das forças produtivas, houve um tempo de grande desvalorização das narrativas e a linguagem oral passou a se remeter, geralmente, a superstições. Mas, como o mundo é circular e graças a esse círculo generoso, a sociedade arrefece e volta com novos contextos. Com o “reencantamento do mundo”, aclamado pela contemporaneidade, nominamos a “compreensão de que somente a razão não é capaz de preencher todas as lacunas e complexidades da pessoa humana.” (SOUZA, 2018, p. 159). Isso mostra que, por trás do negacionismo do encantamento, principalmente dos contos de tradição oral, há consolo, esperança, através das narrativas.

Os seres humanos e suas experiências integram-se através das histórias, como destaca Alberto Manguel (2007, p. 18), ao enunciar que “as histórias concentram nosso saber e lhe dão forma narrativa.” Assim, essa é uma forma de rememorar as nossas vivências e delas não nos esquecermos, deixando-as na memória dos que vem depois de nós e permitindo que se apossessem da cultura transmitida pelas gerações passadas, destinada ao futuro.

Então, a narrativa, ficcional ou não, é insubstituível para configurar a experiência humana, a começar pela experiência do tempo. É perceptível que, ao relatar algum acontecimento, formamos, em nossa mente, a noção de tempo decorrido, mais tarde, percebemos que as histórias, até mesmo as pessoais, podem contribuir para empoderar e humanizar, indicando-nos caminhos. Nossa aprendizagem do mundo também se dá, portanto, pela força da narrativa e, deste modo, o conhecimento de si pressupõe a forma da narrativa para o outro ou outros. Assim, o ato de narrar vai constituindo o ser humano.

Para as sociedades de tradição, o contador de histórias era o responsável por ensinar e guardar a essência de seu povo. Por meio desse processo de aprendizagem, a tradição oral contribui tanto para a educação formal quanto para a aprendizagem por meio do encantamento e da simbologia, fornecendo subsídios para a subjetividade das pessoas. “Somos regidos pelo simbólico”, afirma Arapiraca (2008, p. 18). Ela afirma, ainda, que

[...] é na linguagem que conotamos nossa vida, damos sentido ao que fazemos ou gostaríamos de fazer. Talvez por isso os contos de tradição oral, repletamente possuídos de símbolos, expressos em linguagem econômica e precisa, nos afetam e nos regeneram quando nos tornam aprendizes de sabedoria. (ARAPIRACA, 2008, p. 16).

Nas narrativas bíblicas, por exemplo, temos uma parte bastante significativa do legado dos contos da tradição oral. Elas carregam uma série de significados com relação às pessoas e às sociedades humanas através de ilustrações simbólicas.

Buscamos a todo tempo encontrar sentido para nossa vida no desejo de aprender a lidar conosco mesmo. Há um desejo de organizar e colocar ordem em nossa casa interior. Compreender o conto como voz que sabe “dar conselhos” é perceber que, desde muito cedo, “o ensinamento dos contos para crianças é essencialmente um ‘ensinamento da moral prática’ que tem uma repercussão direta sobre a vida.” (CARAM; MATOS, 1996, p. 12).

Conforme Estés (1998, p. 37), “as histórias podem ensinar, corrigir erros, aliviar o coração e a escuridão, proporcionar abrigo psíquico, auxiliar a transformação e curar ferimentos.” Assim, podemos entender os contos como coadjuvantes do nosso autoconhecimento, dando sentido a nossa vida.

O conto e o canto do surrão

Esses ensinamentos perpassam tanto pelas sociedades antigas como pelas atuais. Os saberes inferem ensinamentos que precisam sempre ser lembrados. Benjamin (1994, p. 205), ao afirmar que “contar histórias sempre foi a arte de contá-la de novo”, faz-nos compreender sobre aspectos cíclicos da vida, ou seja, uma história que aconteceu no passado que se repete no presente. Ao refletirmos sobre o fato de que muitas crianças, ao longo do tempo, já foram apartadas, bruscamente, do ambiente familiar e lermos o conto “O surrão que canta”, na versão de José Mauro Brant (2000), podemos relacionar um acontecimento narrado, inserido em uma temporalidade remota, mas que, também, é possível de ocorrer na contemporaneidade. Nessa narrativa, temos a história de uma menina, Mariazinha, que era filha de uma lavadeira. A menina, ao tirar seus brincos de ouro e colocá-los sobre uma pedra, acaba perdendo-os. Ao se dar conta do fato, vai a procura dos brincos e, no local, encontra-se com um homem que se aproveita da sua fragilidade juvenil, colocando-a dentro de um saco com a finalidade de ganhar dinheiro às suas custas: “– Menina, agora você é minha. Vai cantar todas as vezes que eu bater no saco com meu bordão. Eu vou dizer: canta, canta meu surrão! E você vai cantar. Vou ganhar muito dinheiro.” (BRANT, 2003, p. 9).

Essa é uma história ficcional que nos remete a vários acontecimentos da realidade, inclusive, do mundo contemporâneo: “Menina de 3 anos é sequestrada enquanto brincava na frente de casa no ES”¹; “Menina é sequestrada de escola por casal desconhecido e

¹ Disponível em: <https://g1.globo.com/es/espírito-santo/noticia/2021/10/06/menina-de-3-anos-e-sequestrada-enquanto-brincava-na-frente-de-casa-no-es.ghtml>

encontrada em praça de Belém”²; “Criança raptada é devolvida por desconhecido em Belo Horizonte”³; “Criança de 9 anos é sequestrada e está desaparecida em Miguel Calmon; câmera registrou ação”⁴. Um fato antigo e novo em que o contar de novo ativa, tanto no contador como no ouvinte, o recordar, o ressignificar. E nas entrelinhas dessa escuta generosa há um tripé que se caracteriza de corpo, fala e olhar e, também, de silêncio. Os contadores de histórias sabem bem disso, pois “há épocas em que os ouvidos se fecham e os corações se endurecem para o que é mágico e poético.” (MATOS; CARAM, 1996, p. 8). É nesse momento que as pessoas se abrem para uma escuta sensível e generosa do mundo que lhe rodeia, buscando respostas para o sentido da sua existência, pois “quando uma fogueira se acender e um círculo de pessoas se unir em torno do fogo, as leis serão aquecidas novamente no coração humano.” (KAKA WERA JECUTÉ *apud* ALMEIDA; QUEIROZ, 2004).

O contar de novo contribui para a formação de uma unidade grupal que encontra voz na memória dos seus partícipes que são convidados a contá-la outra vez, até mesmo para si. Contar de novo está, intrinsecamente, ligado à tradição, cuidando para que o passado se rumine com o presente e permaneça vivo. Diante desse contexto cíclico, “voltaram ao começo, à cidadezinha perto do rio onde as lavadeiras trabalhavam. Quis o destino que o homem fosse parar bem na porta da casa da menina.” (BRANT, 2003, p. 10).

As experiências vividas acionam a memória individual, carregada de subjetividade, que, ao mesmo tempo, trata do coletivo e surge de acordo com os pares que o indivíduo se relaciona, evocando a memória afetiva, transubstanciando sentimentos já vividos, agregando “símbolos, viveres e pensares seus e de tantos outros que a vista não pode alcançar.” (SOUZA, 2018, p. 51).

O destino levou Mariazinha de volta ao seu coletivo, ao ambiente de sua memória de afeto. Quanto ao homem, a sua afetação pode não ter o mesmo sentido, mas ali, na cidadezinha perto do rio, foi onde tudo começou para ele: sua fonte de ganância e expertise de malandro em querer ganhar dinheiro às custas do alheio que tomou como sua posse diante da fragilidade e da inocência em forma de um ser ainda bem jovem. Assim, “curtido pela vida, ele não tem sentimentos. Traindo, enganando, não tem linha de conduta.” (CÂNDIDO, 1970, p. 71).

Esse contar outra e outra vez propicia, também, pensar que as histórias se perpetuem de forma atemporal, transmitindo sabedoria e cultura. Hampatê Bâ (2010) afirma que a palavra tem poder divino e, por isso, ela antecede a toda a criação. Portanto, há uma conexão entre o criador e sua obra através da palavra. Conexão essa que foi estabelecida entre mãe e filha, pois a genitora da menina mesmo com o coração dilacerado quis ouvir aquele canto triste que já se repetia por tantos lugares: “A mãe que já tinha chorado mais lágrimas do que todas as águas do rio, para distrair sua tristeza, quis ouvir o surrão cantar.” (BRANT, 2003, p. 10).

Aquele momento de parar para escutar o canto triste da menina por parte da mãe é semelhante ao momento da contação de histórias: um exercício para estimular a coerência e a lógica, suscitando sentimentos, afetuosos ou de dor, apoderando-se de conhecimentos ancestrais e universais que acalentam e curam o espírito, bem como

²Disponível em: <https://g1.globo.com/pa/para/noticia/2019/04/01/menina-e-raptada-de-escola-por-casal-desconhecido-e-encontrada-em-praca-de-belem.ghtml>

³Disponível em: <https://www.minasnews.com/site/noticia/679/mundo/mundo/crianca-raptada-e-devolvida-por-desconhecido-em-belo-horizonte.html>

⁴ Disponível em: <https://www.acordacidade.com.br/noticias/crianca-de-9-anos-e-sequestrada-e-esta-desaparecida-em-miguel-calmon-camera-registrou-acao/>

transformam o ser humano. A Palavra tem poder curador, bordando e tecendo sonhos, consola os corações dos aflitos e agonizantes, “oferecendo espaços para o ouvinte se envolver e recriar por silêncios, ações, gestos e expressões.” (SISTO, 2012, p. 25). O contador, assim como Mariazinha ao cantar repetidas vezes, dá voz singular a cada narração que faz de um conto, com expressividades individuadas, pois “contar histórias é a arte de contá-las de novo.” (BENJAMIN, 1994, p. 203).

Ao final do conto, “na beira da cama, Mariazinha, banho tomado, camisola limpa, barriguinha cheia, ouve uma história. O quarto está todo dourado de amor.” (BRANT, 2003, p. 13). Educar através das histórias dá-nos acesso a momentos de aprendizagem através do mundo simbólico, vicejando cultura e educação e nos promove como guardiões da tradição. Ali, naquele quarto, estrelado de amor e de história, afetividade e conhecimento eram partilhados através da narrativa contada por sua mãe. Fica subentendido que a mãe conta a história sem o aporte de um livro, ou seja, provavelmente narra um conto que guarda em sua memória. O conto da tradição oral, segundo Machado (2004), fala de nós mesmos, alimenta a nossa alma poética e o nosso mundo imaginativo, leva-nos a lugares desconhecidos que gostaríamos de estar, respondendo às perguntas sem respostas, uma vez que as pessoas parecem estar em busca de uma experiência transformadora. O conto da oralidade faz-nos fotografar sua memória. O ato de ouvir histórias leva o ser humano a um mundo de encantamentos, acionando sua memória afetiva, resgatando as lembranças de sua infância, percebendo que “algo na natureza humana, com raízes bem plantadas num mundo mágico e encantado, parece guardar-se intocável.” (MATOS, 2005, p. 23).

A mãe da menina conta a história naquele momento de afago e faz algo semelhante aos contadores quando provocam a emoção, contando histórias ou as recontando de coração para coração, despertando “sensações adormecidas e emoções que ocupam lugar no interior de cada ser.” (SOUZA, 2018, p. 264). Nesse contexto, segundo Brants (2011, p. 69), ocorre a partilha das qualidades sagradas do texto, oportunizando estar em dois mundos ao mesmo tempo. Como se esse “era uma vez” abrisse um portal que nos leva para uma outra dimensão.

Ao fazermos uma revisão na literatura, encontramos outros títulos para essa popular história: “A menina dos brincos de ouro”, “O surrão que canta”, “A menina do surrão”. No sistema de classificação de Aarne-Thompson⁵ (ATU) ela é o número 311B*. É importante citar que o etnógrafo brasileiro, recolhedor de contos da oralidade, Marco Haurélio, registrou uma versão desse conto no livro *Contos e Fábulas do Brasil* (2016). Nesse livro, Haurélio analisa, de modo breve, as ocorrências e persistência desse conto aqui, em Portugal e na África. Ao analisarmos o conto recolhido por Haurélio, o professor Paulo Correia, da Universidade do Algarve, em Portugal, destaca que a versão de Marco está mais próxima das versões que correm em Angola, onde o velho prende a menina em um pote. Mas, vale lembrar de que existem versões muito comuns na Europa em que a menina é presa num saco. A primeira versão reunida em livro, no Brasil, aparece na obra *Os Africanos no Brasil* (1976), de Nina Rodrigues. Ainda no Brasil, temos uma versão desse conto em *Contos Tradicionais do Brasil* (2003), de Luís da Câmara Cascudo. Temos, ainda, um registro de Teófilo Braga, em Portugal, numa versão no livro *Contos Tradicionais do povo Português* (1983). No livro, o conto tem o título: “O surrão”.

⁵ O sistema de classificação de Aarne-Thompson é um sistema utilizado para classificar contos. Primeiramente desenvolvido por Antti Aarne, e publicado em 1910, o sistema foi traduzido e ampliado por Stith Thompson.

Esse conto faz-nos pensar nas admoestações contra os perigos do mundo. Mariazinha, “quando chegou à outra margem, viu que o homem tinha na mão um grande saco aberto, mas aí já era tarde... Num ímpeto, ele agarrou a menina, jogou-a dentro do saco... e a noite caiu.” (BRANT, 2003, p. 9). Podemos, aqui, fazer uma associação com a expressão popular que diz: “Cuidado com o homem do saco”. Essa expressão é muito utilizada pelas pessoas mais velhas, principalmente em cidades campestres, para amedrontar crianças, alertando-as sobre os perigos de ficar fora de casa, longe dos cuidados da família. Nos costumes domésticos, as crianças são intimidadas com a ameaça de um velho que vem e as leva em um saco. O surrão é o saco de couro das tradições indo-europeias e dos costumes jurídicos da penalidade simbólica medieval. O saco representa um importante papel na tradição do herói escondido ou perseguido.

Considerações finais

Refletir sobre os conteúdos e as lacunas dos textos literários, com destaque aos contos, forma o tecido intertextual da memória coletiva, produzindo uma espécie de leitura compartilhada. O leitor, segundo Samoyault (2001, p. 91), “é solicitado pelo intertexto em quatro planos: sua memória, sua cultura, sua inventividade interpretativa e seu espírito lúdico.” O leitor evoca sua memória associada à memória da literatura de forma singular e é essa subjetividade de cada leitor que dará focos diferentes ao texto e permitirá perceber a novidade, a defasagem, o caráter cíclico do texto, uma nova afetação da leitura a seu tempo. Samoyault (2001, p. 102) lembra-nos da fábula borgiana:

A biblioteca é a esfera que contém a esfera sem a qual a biblioteca não existiria. O trajeto pelo qual, neste texto, nenhum termo do universo e da biblioteca – não é mais importante que o outro é permitido pela ausência da inteligibilidade de um e outro.

Assim, a memória, como um organismo vivo, permite o esquecimento e as falhas de memória farão sobressair o que é comum na memória coletiva. Os contos dão-nos acesso a um portal de eternizar as histórias, travando novos olhares, conquistas de outros territórios, defesa do próprio ser, envelhecimento, enfrentamento de abandonos, medos, solidões, tudo em um ciclo interminável, renovado a cada estação. Eles garantem sua vitalidade numa jornada heroica, resistindo ao que lhe é adverso e, de forma singular e cíclica, transformam-se, enfrentam desafios, silenciam em alguns momentos, mas se renovam constantemente.

Ouvimos histórias o tempo todo: nos ofícios religiosos, ambientes de trabalhos, como atividade das horas livres, de cunho educativo e terapêutico, como, também, associado ao contexto da produção literária escrita. Os contos estão intrínsecos a vida social, enraizados em discursos políticos, ecoando relatos das origens de cidades, pessoas, lugares.

Esse evento da voz empresta ao conto uma forma individuada, rememorando imagens internas de forma planejada, com hesitações, pausas e silêncios. Entre símbolos e saberes, as histórias resgatam a memória afetiva. As narrativas têm um papel social de fazer com que as pessoas fiquem unidas por meio da arte da palavra, personificando a experiência estética da própria humanidade em que “a palavra é o sopro criador que emana do corpo” (ZUMTHOR, 2005 *apud* MATOS, 2005, p. 70), conectando o passado ao presente e ao futuro, provocando o imaginário de crianças e adultos de forma subjetiva, possibilitando tecer novas histórias, inclusive, da cultura popular.

Podemos perceber que os espaços educativos e ambientes familiares transmitem histórias que levam a novos ensinamentos, partindo de narrativas da oralidade, vividas por outros, passadas de boca em boca, de uma geração a outra. São como uma ponte entre o que já sabia e o que se sabe agora. Não são muitos os que constroem as pontes, mas muitas e muitas pessoas podem cruzá-las. Dessa forma, é importante resgatar o caminho para se autoconhecer e abrir caminhos para que muitos outros descubram, entendam, aceitem, respeitem e amem como ponte de caminhantes que somos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Inês de; QUEIROZ, Sônia. **Na captura da voz: as edições da narrativa oral no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

ARAPIRACA, Mary de Andrade. Narrativas fazem sentido. In: MUNIZ, Dinéia Maria Sobral et. Al. **Entre textos, língua e ensino**. Salvador: EDUFBA, 2008.

BENJAMIN, Walter. O narrador. In: BENJAMIN, Walter?. **Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

BRANT, José Mauro. A terceira margem da cena. In: PRIETO, Benita (Org). **Contadores de histórias: um exercício para muitas vozes**. Rio de Janeiro: Pietro, 2011.

BUSATTO, Cléo. **A arte de contar história no século XXI**. 3.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar: pequenos segredos da narrativa**. Petrópolis/RJ:Vozes, 2003.

CALVINO, Ítalo. **Fábulas italianas**. São Paulo: Companhia das letras, 2006.

CANCLINI, Nestor G. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4. ed. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 2011.

CARAM, Cecília Andrès e MATOS, Gislayne. Caderno de textos. Projeto convivendo com a arte. Belo Horizonte: Frente e verso, s.d.

COELHO, Betty. **Contar histórias: uma arte sem idade**. [s.l.]: Ática, 1986.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **O dom da história: uma fábula sobre o que é suficiente**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com Lobos: Mitos e Arquétipos da Mulher Selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. A Tradição Viva. In: KI_ZERBO, Joseph (ED). **História Geral da África I** – Metodologia e pré-história da África. Brasília: UNESCO/MEC/UFSCAR, 2010. P. 139-166.

MATOS, Gislayne. A. **A palavra do contador de histórias**. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2005.

PATRINI, Maria de Lourdes. **A renovação do conto**: emergência de uma prática oral. São Paulo: Cortez, 2005.

ROCHA, Vivian Munhoz. **Aprender pela arte a arte de narrar**: educação estética e artística na formação de contadores de histórias. 2010. 200 f. Tese (Doutorado em Artes) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. Chapecó: Argos, 2001.

SOUZA, Luciene Santos; APOEMA, Keu; ARAPIRACA, Mary de Andrade. **Contaço de histórias**: seguindo o curso de suas águas. Feira de Santana: UEFS Editora, 2018.

VANSINA, Jan. A tradição oral e sua metodologia. In: KI-ZERBO, Joseph (ED). **História Geral da África I** – Metodologia e pré-história da África. Brasília: UNESCO/MEC/UFSCAR, 2010. p. 139-166.